

## O Recital do Exílio Ocidental

Shihaboddin Yahya Suhrawardi (1154-1191)

Traduzido do original em árabe para o francês por Henri Corbin

### Introdução

Quando vi a narrativa de Hayy ibn Yaqzan, fui atingido pelo fato que, embora ela contenha maravilhas sobre os mundos espirituais e alusões profundas<sup>1</sup>, considerei-a desprovida de esclarecimentos que digam respeito à experiência suprema que é a Grande Agitação (Corão 79:34)<sup>2</sup>, entesourada nos Livros Divinos, confiada aos símbolos dos sábios e oculta na narrativa de Salaman e Absal<sup>3</sup> do conto de Hayy ibn Yaqzan. Este é o segredo sobre o qual se estabelecem os estágios dos adeptos ao sufismo e daqueles que possuem intuição visionária. Não há alusão a isso no Hayy ibn Yaqzan, exceto pelo final, onde está dito: “Às vezes certos anacoretas entre os homens emigraram em direção a Ele...”<sup>4</sup>. Portanto, eu quis contar algo sobre isso na forma de uma narrativa, que intitulei de “O Recital do Exílio Ocidental”.

### I. A queda no cativeiro e a fuga

1. *Início da história.* Quando, tendo partido da região além do rio, em companhia do meu irmão Asim<sup>5</sup> para o Ocidente para perseguir um bando de pássaros nas costas do Mar Verde<sup>6</sup>,

2. Subitamente, nós caímos em uma cidade, cujos habitantes eram opressores (Corão 4:75); esta era a cidade de Qayrawan<sup>7</sup>.

---

<sup>1</sup> Ver nosso trabalho *Avicenne et le Recit Visionnaire* (Biblioteca Iraniana, vol. 4 e 5), Teerã-Paris 1954. Ele é um estudo sobre o ciclo das histórias avicenianas e contém a tradução do “Recital de Hayy Ibn Yaqzan”. No t. II, esta tradução é retomada e acompanhada pelo comentário persa desenvolvido por Jozjani, discípulo de Avicena.

<sup>2</sup> Estas palavras (*al-Tammāt al-kobra*) são geralmente entendidas como se referindo ao Juízo Final. Aqui, elas dizem respeito ao grande abalo, à convulsão da alma do místico, passando pelos eventos que a narrativa descreverá (essa é a própria passagem da doutrina que se torna um evento da alma). Na teosofia xiita, essas palavras designam a pessoa do Imã, diante de quem cada um pronuncia seu próprio julgamento e o reconhece ou o recusa. Veja *En Islam Iranien*. t. II, pág. 271 n. 383, e T. IV, pág. 188 (o *hadith* da Nuvem Branca).

<sup>3</sup> Veja nosso trabalho *Avicenne et le Recit Visionnaire*, t. I, pág. 236-279 onde analisamos, traduzimos e comentamos detalhadamente a versão dupla do “Recital de Salaman e Absal”. Na verdade, existem duas versões. Existe a versão hermética, um relato traduzido do grego por Honayn ibn Ishaq; é a versão retomada mais tarde em persa por Jami, em seu grande épico místico com o mesmo título. E há a versão de Avicena que conhecemos do resumo e comentário de Nasiroddin Tusi.

<sup>4</sup> Ver texto e contexto, op. cit., T. I, pág. 173.

<sup>5</sup> A palavra *asim* significa “aquele que garante, preserva, imuniza”, mas também no sentido passivo “o protegido, o são e salvo” (cf. o *ismat*, qualificação dos “Quatorze Imaculados” na imamologia xiita). Inicialmente, pode-se pensar tratar-se do “Duplo Celestial”, da “Natureza Perfeita”, o “Eu-Luz”, que é também o “filho” do Anjo-Espírito-Santo. Poderíamos então assimilá-lo ao irmão do jovem príncipe persa do “Hino da Pérola” nos Atos de Tomé. Mas mesmo lá, o irmão misterioso permanece no “Oriente”, no Reino, enquanto seu irmão é um emissário nas trevas do Egito. O comentarista persa nos convida a ver nele “a faculdade contemplativa” que é propriedade da alma (emanada da asa direita de Gabriel) sem participação do corpo físico. *Asim* é aquele que é imune a todas as forças nocivas e destrutivas.

<sup>6</sup> É claro que o Ocidente tem aqui um significado não geográfico, mas metafísico. Este é o mundo da *physis* material. Caçar os pássaros do Mar Verde é entrar no mundo das trevas para ali atualizar, através do conhecimento, coisas sensíveis em coisas inteligíveis, e para a alma elevar-se ao estado de *Nous* ou inteligência ativa. Cuidado aqui, no entanto, com nossa repetida advertência hermenêutica. Quanto à identificação do mundo da matéria com o Ocidente (*Maghrib*), isso remonta às especulações gnósticas. Cf. Andreas-Henning, *Mitteliranische Manichaica III* (Sitz. ber. d. Pr. Akad. d. Wiss. Phil. hist. Kl. 1934), p. 18: Mani, perto da morte, deixa o Egito (*misraim*). Essa visão das coisas corresponde a uma hermenêutica espiritual do êxodo do Egito e do retorno à terra de Israel.

3. Quando seus habitantes perceberam nossa chegada inesperada, e entenderam que éramos filhos do xeique conhecido como al-Hadi ibn al-Khayr al-Iemenita<sup>8</sup>,
4. Eles nos rodearam e algemaram com bolas de ferro e nos aprisionaram em um poço infinitamente profundo.
5. Mas, dominando esse poço desocupado que havíamos povoado com nossa presença, havia um castelo alto, fortificado com numerosas torres<sup>9</sup>.
6. Disseram-nos, “Quando chegar a noite e se despojarem de suas roupas, é permitido a vocês ascender ao palácio. Mas, ao amanhecer, vocês devem voltar ao fundo do poço.”<sup>10</sup>
7. Certamente, no fundo do poço havia camada após camada de escuridão (Corão 24:40). Quando estendíamos à frente nossas mãos, podíamos vê-las apenas indistintamente (24:40).
8. No entanto, a noite subíamos para o castelo, dominando então a imensidão do espaço, olhando por uma janela. Às vezes, as pombas vinham até nós dos troncos do lêmên, para nos falar das condições das coisas na região proibida. Às vezes, também nos visitavam, os lampejos das luzes lemenitas, cujo brilho do “lado direito” (28:30), do lado “oriental”, nos informava das famílias que moravam em Najd. A brisa perfumada dos aromas do *arak* despertou em nós estados de epifania. Então, suspiramos de saudade de nossa terra natal<sup>11</sup>.

---

<sup>7</sup> Qayrawan, como uma cidade no Ocidente (do *Maghrib*) é provavelmente introduzida aqui por causa da etimologia deste nome (caravana): a vida da Alma no “Ocidente” (= no mundo da matéria) é nada mais que uma longa peregrinação.

<sup>8</sup> O Guia (*al-Hadi*, o Imã) designa o Anjo-Espírito Santo, Gabriel, que é o “pai” do exilado, e a quem este se juntará “no Sinai místico” no final da narrativa. Ele é o “filho do Bem” (*Ibn al-Khayr*). Pode haver uma alusão neoplatônica ao “Puro Bem”, o título de um tratado de Proclo que era conhecido em árabe (em latim *Liber de causis*). Seria o “Supremo Antepassado” que será nomeado no final da história. Mas, a relação de “filiação” pode ser discutida. Poderia ser mais facilmente uma questão do Primeiro Arcanjo do pleroma, a primeira Inteligência hierárquica, a quem Suhrawardi frequentemente chama por seu nome zoroastra em sua forma persa: *Bahman* (Bom Pensamento; em Plutarco, *Eunoia*). Quanto à qualificação do lêmên, é porque o lêmên (*Yaman*) é o “lado direito” do vale onde a Sarça Ardente se mostra (28/30). lêmên é, portanto, equivalente a “Oriente” no sentido da metafísica *ishraq* da palavra. Cf. em Mir Damad, a “filosofia iemenita”.

<sup>9</sup> Este castelo é aquele que no Tratado IX (cap. VI) será designado como o “castelo fortificado da Alma” (*Shahrestan-e jan*). É defendido por uma muralha fortificada por numerosas torres. Claro, em termos da astrologia física pode-se pensar no céu do zodíaco com suas constelações designadas como “torres” (*borj*). É o oitavo céu imediatamente abaixo da “Esfera das Esferas”. Diz-se que é na superfície convexa desta que começa o mundo imaginal, que é o Castelo Forte da Alma. Mas, nesse ponto, por uma ascensão física de Esfera em Esfera, é que se sai da cripta cósmica. Saímos dela passando pelo microcosmo. Isto é o porquê de, no Tratado IX, essas altas torres serem internalizadas; elas serão o baluarte do microcosmo que deve ser atravessado para emergir no castelo da alma. Esta é a jornada que será descrita acima, na arca de Noé, e que termina no místico Sinal, e é esta viagem que consiste no retorno do exílio ocidental. No tratado precedente, o microcosmo é chamado de *khangah*. Uma de suas portas abria-se para o deserto (aqui, para o mar); a presente história nos conta sobre a travessia.

<sup>10</sup> Compare este motivo da noite com o início do tratado anterior. A noite é a queda dos grilhões impostos pelas percepções dos sentidos. É a liberdade da Imaginação Ativa a serviço da Inteligência que a inspira. Esta noite mística é, portanto, de fato, a hora de *ishraq*. O comentarista anônimo persa se expressa assim sobre as estrofes 5 e 6: “O autor quer dizer que à noite, graças ao sono, você pode subir ao mundo superior e contemplar as formas espirituais puras, pelo fato que, durante o sono, os sentidos são removidos de suas funções e não mais reinam. Mas, durante o dia, no estado de vigília, é impossível, por causa da tirania dos sentidos, que isso aconteça. Em outras palavras, através da morte pode-se alcançar o mundo dos seres espirituais puros. Mas, o sono é uma segunda morte. O Alcorão alude a isso: ‘Deus recebe as almas no momento da morte e recebe também aquelas que, sem morrer, estão dormindo’ (39/49) [...] Durante o sono, graças à resignação dos sentidos, podemos contemplar algo do mundo do Anjo [...]. Então, sentimos saudades da nossa pátria, porque também nós pertencemos a esse mundo.”

<sup>11</sup> Sobre o lêmên, cf. acima n. 8. Não se trata aqui de geografia física, ou melhor, o dado físico é transposto e percebido ao nível de uma geografia celeste (pense aqui em certas visões de William Blake). A “região proibida”, o lêmên, é no presente contexto, o “Leste”, que significa, o mundo do Anjo. A estrofe assume todo seu significado alusivo através da

9. E assim permanecemos, subindo à noite e descendo de dia. Ora, numa noite de lua cheia vimos uma poupa (cf. 27/20) entrar pela janela e nos saudar. Em seu bico havia uma carta enviada do “lado direito do vale, da planície abençoada, do meio dos arbustos” (28:30)<sup>12</sup>.

10. Ela nos disse, “Eu compreendi (27:22) qual é o caminho para liberta-los, e venho do reino de Sabá com algumas informações (27:22). Tudo será explicado na mensagem de seu pai”<sup>13</sup>.

11. Tomamos conhecimento da mensagem: “De al-Hadi, vosso pai, e em nome de Deus o Clemente e Misericordioso. Nós ansiamos por você, mas você não tem suspirado. Temos sinalizado para você, mas você não compreende. Nós lhes mostramos o caminho, mas vocês não entenderam.”<sup>14</sup>

12. E ele me deu em sua carta as indicações, “Ó tu, se desejas te libertar junto com teu irmão: não protele tua viagem. Agarre nossa corda, ou seja, os nós do Dragão do Céu da Lua no mundo espiritual que domina a região do eclipse<sup>15</sup>.

13. Quando você tiver chegado no Vale das Formigas (27:18), sacuda a orla de seu manto e diga: ‘Graças sejam dadas a Deus que me deu a vida depois de ter me feito morrer’ (cf. 2:244 e 261). Então, se afaste de seu povo.<sup>16</sup>

14. Vá para onde lhe mandar, pois este povo será desterrado ao amanhecer (15:66). Embarque no navio e diga, ‘Em nome de Deus, que ele navegue e chegue ao porto’ (11:43).”<sup>17</sup>

---

intervenção do versículo 28/30 do Alcorão, mencionando a Sarça Ardente. Ora, vimos anteriormente (Tratado III) que esta Sarça Ardente é o símbolo da Imaginação Ativa quando está inteiramente a serviço dos poderes espirituais da alma. Por outro lado, quando o “dia” de Qayrawan reina, ela é o Satanás inspirando a alma com suas extravagâncias. É pela imaginação ativa, não materialmente, nem pelos sentidos, que se pode atravessar o microcosmo. Os tratados IX (cap. VI) e X também desdobram, como uma mandala, a cenografia imaginária dos lugares ou torres altas que o peregrino deve atravessar para chegar ao “castelo da alma”.

<sup>12</sup> Sobre a Sarça Ardente, cf. acima n. 8 e 11. Quanto à poupa, o comentarista persa vê nela tipificada “a inspiração do coração”. A “noite de lua cheia” é “a purificação das manchas e impurezas exaladas pela natureza material”. Compare abaixo o Tratado XIV, no qual o prólogo fala da poupa voando na primavera para se tornar um *Simurgh*; ver também o Tratado XIII, cap. VII: a aventura da poupa caída entre as corujas. Podemos dizer que agora mesmo, em nossa narrativa, começa o recital místico (o *hikayat*), ou seja, onde o recital e aquele que recita, o herói da história, se tornam um. Este processo do *hikayat* abrangerá todos os versículos do Alcorão citados aqui a seguir.

<sup>13</sup> A terra de Sabá designa aqui, como o lêmén, o mundo do Anjo. Quanto à expressão “seu pai”, cf. acima n. 8.

<sup>14</sup> Já indicamos em outro lugar a correspondência desta mensagem, por um lado, com a mensagem dirigida ao jovem príncipe esquecido de sua origem celestial no “Hino da Pérola”. Por outro, com o convite que o “Pedro dos Sábios” endereça aos filósofos no “Livro dos Doze Capítulos”, atribuído a Ostanés, o Mago Persa. Cf. *En Islam Iranien...* t. II, pp. 275 e 285.

<sup>15</sup> “Agarrar-se à corda” é exatamente a resposta que Hermes ouviu de seu “pai” quando o chama para ajudá-lo nos perigos de sua visão de êxtase, cf. *ibid.*, pág. 300. Trata-se novamente aqui especificamente do “irmão” do exilado, e esta será a única vez. Quanto aos “nós do dragão do céu da Lua”, é uma alusão aos pontos em que a órbita da Lua cruza a do sol. Mas tudo acontece aqui “no céu da Lua do mundo espiritual”. É a ideia de “eclipse” ligada a estes “nós” que permite compreender o sentido que esta injunção assume para a viagem de regresso que se fará. Veja *ibid.*, pág. 276 e acima Tratado VI, todo o contexto da fig. 1. (O acontecimento espiritual é invisível aos olhos profanos dos habitantes da “cidade dos opressores”). Cf. o “Conto da Nuvem Branca”, *ibid.* t. IV, pág. 150-204.

<sup>16</sup> Sobre o que é “cifrado” pelo Vale das Formigas, cf. abaixo no Tratado XIII, cap. I. As injunções que se acumularão terão todas o mesmo significado: deixe seu povo, etc. perecer, isto é, tudo o que os desejos da carne envolvem. “Glória a Deus que me deu vida...” (cf. 2/261 o versículo referente a Esdras). Vivo: isso implica que a jornada de “retorno do exílio” já começou.

<sup>17</sup> O “porto” será, na terceira parte, o Sinai místico. Todas as pessoas que estarão mortas, quando a manhã chegar, são todas as pessoas dos sentidos carnis e dos fantasmas que desaparecem na hora do *Ishraq*, no nascer da aurora mística. Todas essas pessoas representam os inimigos de Noé, e Noé também é o profeta-herói com quem o narrador se identifica por meio de seu *hikayat*. A arca de Noé, navegando em direção ao Sinai, sugere a extensão mística da tradição de Noé, cf. André Neher, *The Essence of Prophetism*, Paris 1972, p. 250.

## II. Navegação na arca de Noé

15. Ele explicava na carta tudo o que iria ocorrer no caminho. Então, a poupa assumiu a liderança, com o sol acima de nossas cabeças, quando chegamos à beira da sombra. Nós embarcamos no navio, e ele navegou conosco entre ondas como montanhas (11:44). Nosso plano era subir o monte Sinai para visitar o oratório de nosso pai.<sup>18</sup>

16. Então, “as ondas se levantaram entre mim e meu filho” nos separando, e “ele estava entre aqueles que se afogaram” (11:45).<sup>19</sup>

17. Compreendi assim que para o povo, o tempo de cumprir a ameaça seria o amanhecer. E não estava próxima a manhã? (11:81)<sup>20</sup>

18. Eu também percebi que a cidade que cometera as torpezas (21:74) iria ser virada de cima para baixo (11:84) e que pedras de argila (11:82) seriam lançadas como numa chuva.<sup>21</sup>

19. Quando atingimos o lugar onde as ondas confrontavam-se e as águas rolavam sobre elas mesmas, eu agarrei a ama que havia me alimentado e a atirei no mar.<sup>22</sup>

20. Visto que navegávamos em um navio composto de tábuas e pregos (54:13), nós o danificamos voluntariamente (18:78) por medo de um rei que, atrás de nós, tomava todos os navios à força (18:78).<sup>23</sup>

21. Então, o navio totalmente carregado (a arca, 26/119) nos levou pela ilha de Gog e Magog, no lado esquerdo do monte al-Judi (cf. 11:46) <sup>24</sup>.

22. Havia comigo um gênio que trabalhava para mim e eu tinha à minha disposição uma fonte de cobre fundido. Eu disse a ele, “Assopre o ferro até que ele se transforme em fogo” (18:97). Então ergui uma muralha de tal forma a me separar de Gog e Magog (cf. 18:94).<sup>25</sup>

---

<sup>18</sup> Navegar na arca de Noé constituirá a travessia do microcosmo, para terminar no místico Sinai (o "castelo fortificado da Alma", no Tratado IX). As etapas serão a internalização progressiva dos Elementos e os céus da astronomia física. Eles serão marcados pelos versos corânicos, transmutados pelo *hikayat* em imagens do mundo imaginal. Não é a dialética dos conceitos que pode de fato realizar a travessia, mas a hermenêutica que realiza os acontecimentos visionários. “O sol sobre nossas cabeças”, bem como, o limite da sombra, a marca do limite do “Oeste” do mundo material dos sentidos, a passagem para o “oriente médio” que é o mundo imaginal, é onde se dá a travessia do microcosmo. Veja paralelos com outros textos suhravardianos e com o “Conto da Nuvem Branca”, em Zózimo, o Alquimista. Cf. *En Islam Iranien...* t. II, pp. 277-279.

<sup>19</sup> Aqui começa a narrativa da “navegação” através do *tawil* (a hermenêutica) dos versos do Alcorão cujo *hikayat* realiza o evento na própria pessoa do místico (cf. acima n. 12, 17 e apresentação). Aqui o narrador do *Ghorbat* se identifica com Noé. Ele mesmo é Noé, separado de seu “filho” pelo mesmo motivo de Noé: este filho não é de sua família real (11/48). Através desta interiorização, podemos dizer que o “navegador” progride de “profeta a profeta do seu ser”. O *hikayat* de Suhrawardi antecipa assim a interiorização da profetologia em Semnani (“os profetas do seu ser”). Quanto ao “filho de Noé” que perece, o comentarista persa vê nele o pneuma vital (*ruh hayawani*) enquanto que a ama lançada ao mar (str. 19) seria o pneuma físico (*ruh tabii*). Cf. supra, Tratado II, Segundo Templo, III.

<sup>20</sup> *Hikayat*: Aqui o narrador se identifica com Ló. A cidade que se entrega à torpeza será aniquilada pela manhã, na hora de *ishraq*: a *cognitio matutina* diante da qual desmoronam os fantasmas da percepção sensível vespertina. Cf. acima n. 17.

<sup>21</sup> *Hikayat*: aqui novamente o próprio narrador se torna Ló.

<sup>22</sup> Estamos no meio de uma tempestade: aproxima-se o momento em que ficarão os vestígios do mundo material. Sobre a “ama”, cf. acima n. 19

<sup>23</sup> Alusão à morte mística precedendo o êxodo físico. *Hikayat*: aqui o narrador é o próprio Moisés viajando na companhia de seu iniciador, o misterioso profeta *Khidr*. O comentador vê neste rei que “apreende navios à força”, uma figura do Anjo da Morte. Veja também nosso estudo sobre *Une liturgie shiite du Graal*, nas “*Melanges H. C. Puech*”, Paris 1974, pp. 81-100.

<sup>24</sup> *Hikayat*: novamente o narrador é Noé. A navegação é rápida: de repente, atravessa-se o intervalo que, na estrofe 18, separa o episódio de Moisés do episódio de Alexandre.

23. Então compreendi que “a promessa do Senhor é verdadeira” (18:98).<sup>26</sup>
24. Eu perambulei nessa região, e na estrada, vi os poços de Ad e Thamud arruinados (2:26 e 22:44)<sup>27</sup>.
25. Então, peguei os dois fardos com as Esferas e os coloquei, na companhia dos gênios, em um recipiente esférico no qual eu havia feito linhas como círculos<sup>28</sup>.
26. Eu cortei as correntes de água viva do meio do céu.
27. Quando a água parou de fluir para o moinho, a construção desabou, e o ar voltou para o ar<sup>29</sup>.
28. Eu lancei a Esfera das Esferas contra os céus, de modo que ela esmagou o sol, a lua e as estrelas<sup>30</sup>.
29. Então, escapei dos quatorze ataúdes dos dez sepulcros, do qual a sombra de Deus ressuscita, de modo que é “atraída pouco a pouco” (25:46) para o mundo hierático, depois que “o sol lhe foi dado como guia” (25:47).<sup>31</sup>
30. Eu encontrei o caminho para Deus. Então entendi, “este é o meu caminho, e é o caminho correto” (6:154).
31. Quanto a minha irmã, ela foi tomada à noite pelo temor a Deus (12:107), e passou durante um período da noite na escuridão; teve febre e pesadelos que resultaram em prostração.<sup>32</sup>
32. Vi uma lamparina na qual havia óleo; dela brotava uma luz que se esparramava por todas as partes da casa. Mesmo ali, o nicho estava aceso e os habitantes eram iluminados como se o clarão da luz do sol incidisse sobre eles<sup>33</sup>.

---

<sup>25</sup> *Hikayat*: aqui o próprio narrador se torna Salomão. Como tal, ele tem os gênios a seu serviço, e é isso que lhe permite ser Alexandre, construindo uma muralha contra Gog e Magog, o que significa: proteger o microcosmo humano. Talvez se pudesse detectar também na operação dos gênios transmutando o ferro em fogo incandescente, uma alusão alquímica visando à formação do “corpo da ressurreição”. Talvez isso seja dar muito peso ao texto, mas essa alusão frequentemente reaparece.

<sup>26</sup> Nessas palavras aparece o triunfo de *tawil* através do *hikayat*. Uma vez que, o Alcorão revela-se em sua própria experiência, o místico sente que a promessa de seu Senhor para ele foi cumprida.

<sup>27</sup> 'Ad e Thamud, dois povos do antigo mundo árabe que haviam recusado o chamado dos profetas enviados a eles. Então, um hiato para a “navegação” (ou para a ascensão) de “profeta em profeta do seu ser”. A arca de Noé avança.

<sup>28</sup> Começa, com essas estrofes, uma série de eventos obscuros expressos em imagens grandiosas e aparentemente incoerentes. Sempre se pode estabelecer equivalências com o sistema das faculdades da alma apresentado pela psicologia antiga. Mas o importante é apreender intuitivamente as etapas da navegação da arca de Noé desde o desencadeamento da tempestade (str. 19). A sucessão de imagens aqui sugere a internalização dos céus do cosmo físico. É necessário passar aos céus espirituais do microcosmo para poder pousar aos pés do místico Sinal. O comentarista vê no “recipiente esférico” o cérebro. Mas, o navegador encerra as Esferas dentro dela, para realizar os atos violentos descritos nas estrofes seguintes. Tudo mostra que se trata de acabar com a prisão de Qayrawan. Este é o Grande Abalo de que fala o prelúdio da história e que o autor não encontrou em Avicena. A travessia do microcosmo, o acesso ao mundo imaginário, é a grande reviravolta. É correto dizer que a obtenção do Sinai místico (no castelo da Alma), em suma, esse êxtase místico, tem um significado escatológico para o mundo de Qayrawan.

<sup>29</sup> Sobre este “moinho” lembrar-se dos “moinhos” ou “pedras de moinho” tipificando, na narrativa precedente (Tratado VII), as Esferas Celestiais. Aprendemos ali que o corpo humano é para a *Anima humana* o que cada Esfera celeste é para sua *Anima celeste*. A comparação lança alguma luz sobre a alusão desta estrofe.

<sup>30</sup> Esta é a continuação da “Grande Agitação”, o plano final (a escatologia) do mundo físico, ou seja, do “Ocidente” ou de Qayrawan. Cf. acima n. 28.

<sup>31</sup> O macrocosmo (a cripta cósmica) entrou em colapso. A navegação é livre em direção ao Sinai (ou, de acordo com o relato anterior, pode-se abrir a porta do *khangah* na vasta planície). Isso é o importante. E isso é fortemente sugerido pela imagem tirada nos versículos 25/47-48. A sombra (que é a alma) segue o sol e se retira para o mundo sagrado. Agora é permitido considerar, junto com o comentarista persa, que os dez ataúdes tipificam os cinco sentidos externos e os cinco sentidos internos, e que os quatorze túmulos são as dez faculdades do organismo, mais os quatro humores.

<sup>32</sup> O comentarista persa vê nessa “irmã” uma alusão à matéria dos corpos dos cosmos.

33. Eu coloquei a lamparina na boca de um dragão que morava no castelo da roda de água, abaixo do qual estava o Mar Vermelho; acima, havia corpos celestes dos quais ninguém conhece os lugares de irradiação, exceto o Criador e “aqueles que têm um conhecimento solidamente estruturado” (3:5).<sup>34</sup>

34. Eu vi que o Leão e o Touro tinham desaparecido, e que Sagitário e Câncer se envolveram na dobra operada pela rotação das esferas. Libra permaneceu em equilíbrio quando a Estrela do lêmên (Canopus) ergueu-se por detrás das nuvens finas, compostas daquilo que as aranhas nos tecem nos cantos dos mundos da geração e da dissolução.<sup>35</sup>

35. Ainda havia uma ovelha conosco, que deixamos nos desertos. Ela foi destruída por terremotos, e por um fogo furioso.<sup>36</sup>

36. Então, quando toda a distância tinha sido atravessada e a estrada percorrida, eis que “borbulhava a fornalha” (*al-tannur*, 11:42 e 23:27) na forma de um coração. Eu vi os corpos celestes. Juntei-me a eles e ouvi sua música e melodias. Eu aprendi seu recital; os sons atingiram meu ouvido como o rugido produzido por uma corrente sendo puxada sobre rocha. Meus músculos contraíram e minhas articulações foram quase rompidas por causa do prazer que eu experimentei. E essa coisa continuou a se repetir até que a nuvem branca se dissipou, e a membrana se rasgou.<sup>37</sup>

### III. O Sinai místico

37. Sai das grotas e das cavernas, deixei para trás os corredores, e fui direto para a Fonte da Vida, desfrutando da calma e doçura à sombra do Sublime Cume. Perguntei, “O que é essa alta montanha? O que é essa Grande Rocha?”<sup>38</sup>

---

<sup>33</sup> Já explicamos em outro lugar porque o comentarista persa combate esse trecho a ponto de mostrar uma total incompreensão do sentido da história (Cf. Prolegômenos II, p. 91 e *En Islam Iranien ...* t. II, p. 280, n. 400). Ver a nota seguinte.

<sup>34</sup> Aqui novamente o Dragão da estrofe 12 (n. 15). Mas aqui o “Dragão do Céu da Lua” torna-se o “Dragão que habita no castelo da Roda D'água”. Esta é, portanto, apenas outra maneira de designar o orbe da Lua. Então, vamos nos referir a n. 15 acima e à narrativa precedente (Tratado VI, fig. 1). A “lâmpada” é aqui também a Joia que ilumina a noite (de modo algum a Inteligência agente, segundo a divagação do comentarista). Colocar esta lâmpada (esta Lua) na boca do Dragão, é causar o eclipse desta Lua aos olhos do mundo profano, enquanto do lado do sol (a árvore Tuba) está resplandecente com sua luz (cf. str. 32). Desta vez tudo é coerente. Quanto ao versículo citado (3/5), é aquele que, segundo a leitura xiita, afirma: “Ninguém conhece o *tawil* a não ser Deus e aqueles que têm uma sólida experiência de conhecimento.”

<sup>35</sup> Este estado de certas constelações do zodíaco, após o “Grande Agitação”, após a “lâmpada” ter sido colocada na boca do Dragão, exigiria que transpusessemos os significados conhecidos da astrologia, para o céu do microcosmo ou ao céu de *Malakut*. É precisamente neste momento que a estrela do lêmên se mostra. O comentarista persa vê nele a “alma do mundo”. Realmente não sabemos o propósito, além de destruir todo o padrão que aprenderemos no final da história, é mais simples e direto ver nele uma lembrança do que já sabemos: o significado metafísico e místico de “lêmên”, cfr. acima n. 8 e 11. O nascer da estrela do lêmên aqui significa que a arca de Noé deixou definitivamente o “Ocidente” e se aproxima do porto, onde está a Fonte da Vida, ao pé do místico Sinai.

<sup>36</sup> Essa “ovelha” significaria para o comentarista o último resíduo de medo e timidez. É plausível. O raio, ao derrubá-la, resolve a questão.

<sup>37</sup> Esta estrofe abre com uma alusão alquímica: o *athanor*, a fornalha, que aqui é o coração. O rompimento da membrana significa a eclosão, o nascimento do Filho da Sabedoria. Este nascimento é acompanhado pela grande música das Esferas, evidentemente percebida pelo órgão da consciência imaginativa. O termo “rugido” (grego *rhoizos*, pelo qual traduzimos *sawt silsila*) é encontrado em um contexto semelhante em jâmbico, nos pitagóricos, e nos oráculos caldeus. No Tratado XIV abaixo, Suhrawardi retornará aos efeitos da audição musical. Para mais detalhes, veja *En Islam Iranien...* t. II, pág. 281ss.

<sup>38</sup> A travessia do microcosmo está completa. O navegador desembarca no porto do Sinai místico. Este porto é a “Fonte da Vida” (cf. também abaixo do Tratado IX, cap. VI). O simbolismo do peixe se encaixa neste último tema. Recorda um episódio da viagem de Moisés precisamente “na confluência dos dois mares” (18/60). O Sinai místico está aqui no topo da montanha de *Qaf*. A Grande Rocha que a domina e que é o oratório do Anjo, no limiar do *Malakut* (ou castelo-

38. Então, um dos peixes “escolheu uma certa corrente para seu caminho para o mar” (18:60). Ele disse, “Isto é o que você tão ardentemente desejou; esta montanha é o monte Sinai e esta Rocha é o oratório de seu pai”. “Mas, esses peixes”, eu disse, “quem são eles?”. “São como vocês (seus companheiros). Vocês são filhos de um mesmo pai. Uma prova semelhante à sua os atingiu. Eles são seus irmãos.”<sup>39</sup>

39. Quando ouvi essa resposta, percebi a verdade nela e os abracei. Alegrei-me em vê-los assim como eles se alegraram em me ver. Eu subi a montanha e vi nosso pai como um grande sábio, tão grande que os céus e terras estavam prestes a se separar sob a epifania de sua luz. Eu fiquei perplexo e maravilhado. Avancei em sua direção, e eis que ele foi o primeiro a me cumprimentar. Curvei-me diante dele e fui quase obliterado por sua luz radiante.<sup>40</sup>

40. Eu chorei por um momento e lamentei a prisão em Qayrawan. Ele me disse, “Coragem. Você está a salvo. No entanto, é absolutamente necessário que você volte para sua prisão ocidental, porque você ainda não se despojou totalmente de seus grilhões”. Quando ouvi essas palavras, perdi minha razão. Lamentei e chorei como quem está prestes a sucumbir. Eu implorei.<sup>41</sup>

41. Ele me disse, “Que você retorne é inevitável neste momento. Contudo, lhe darei duas boas notícias. A primeira é que, uma vez que você retorne à prisão, você poderá voltar para nós novamente, e subir facilmente ao nosso paraíso quando quiser. A segunda é que, no final, você acabará sendo totalmente devolvido; você virá e se juntará a nós, abandonando completamente e para sempre, as terras ocidentais.”<sup>42</sup>

42. Suas palavras me encheram de alegria. Então ele me disse, “Saiba que este é o Monte Sinai (*Tur Sayna* 23:20), mas acima dele há outra montanha, o Sinai (*Tur Sinina* 23:20), que pertence a meu pai, seu antepassado, aquele com quem meu relacionamento não é outro que o seu próprio relacionamento comigo<sup>43</sup>.

---

fortaleza da Alma) é a “Rocha Esmeralda” de algumas tradições xiitas. Sobre todos esses temas, ver *ibid.* t. II, pág. 282-283.

<sup>39</sup> Ver nota anterior. O mundo do exílio é para a alma, que emanou da asa de Luz de Gabriel, a mesma situação dos peixes que se veem arrancados da água. Encontramo-nos aqui, como nos relatos anteriores, antes do *Malakut*, no limite (“a confluência dos dois mares”) onde a manifestação do Anjo pode ocorrer.

<sup>40</sup> Este Grande Sábio não é outro senão o Anjo que apareceu no início das duas histórias anteriores: o Anjo-Espírito Santo, Gabriel, o Anjo da humanidade, o “pai” mencionado por Suhrawardi em quase todos os tratados traduzidos aqui, aquele que os neoplatônicos designaram como o *Nous Patrikos*. Aqui chegamos ao final do terceiro ato do “encontro com o Anjo”. A visão do Anjo ocorreu no início das duas histórias anteriores, porque o Anjo teve que iniciar o visionário na “viagem iniciática” que ele deveria empreender. Agora a viagem está cumprida, e é o Anjo que o viajante encontra e a iniciação completada que irão modificar completamente o *ethos* do exílio desta vez. Observe o detalhe: aqui também a saudação do Anjo precede a do seu visitante, como na história anterior (cf. Tratado VII, 9).

<sup>41</sup> Como indica o início do Tratado VI, e como indica o início do “Tratado dos Pássaros” de Avicena, ainda existem alguns elos que fazem o pássaro “mancar”. São essas ligações que o forçarão a retornar temporariamente à prisão de Qayrawan. Mas o *ethos* do exílio não será mais o mesmo, pois o gnóstico já encontrou o caminho da salvação. Compare com o relato xiita da viagem à Ilha Verde; lá também o peregrino não pode ficar permanentemente. Cf. *En Islam Iranien...* t. IV, pág. 346-365.

<sup>42</sup> Que ele possa retornar: é devido à sua ascendência celestial que o Anjo será específico nas últimas estrofes da história. Se o visionário tivesse ouvido alguém lhe dizer: “De agora em diante, fique conosco”, isso significaria que ele estava cruzando o limite...

<sup>43</sup> Estas palavras do Anjo têm um significado decisivo. A relação entre cada Inteligência Arcangélica e o que dela procede é a mesma que a relação entre o Anjo-Espírito-Santo, Anjo da humanidade, e a alma que dele emana. É a concepção neoplatônica de *Nous Patrikos*, e é essa concepção, como vimos, que o xeique *al-Ishraq* encontrou no Evangelho de João; talvez o segredo final de *ishraq*. A hierarquia ascendente desses “Arcanjos” como “pais” uns dos outros é tipificada aqui na superposição dos múltiplos Sinais um sobre o outro. Abaixo, no Tratado IX, cap. VI § 12, estes serão os castelos da “Fortaleza da Alma” sobrepostos uns aos outros. Recorde-se que, no relato anterior, esta filiação arcangélica era representada à maneira de uma irmandade iniciática (mestre e discípulo, iniciação, investidura do manto). Como no

43. E ainda, temos outros ancestrais, até que a linha atinge o Rei que é o grande progenitor, que não tem pai ou avô. Nós todos somos seus servos; devemos a ele nossa luz; tomamos nosso fogo emprestado de seu fogo. Ele possui a beleza mais esplendorosa de todas, a majestade mais sublime, a luz mais fulgurante. Ele está acima do Acima. Ele é a Luz da Luz, por toda a eternidade. Ele é aquele que se epifaniza em tudo, e 'tudo perece, exceto sua face' (28:88)."<sup>44</sup>

*Encerramento*

44. É sobre mim esse recital, porque passei pela catástrofe. Do espaço superior, eu caí entre pessoas descrentes. Estou preso no ocidente. Eu choro e lamento por essa separação. No entanto, continuo a sentir uma certa doçura que não consigo descrever.

45. Possa Deus nos salvar da prisão da natureza. Diga, Glória a Deus; ele irá mostrar os sinais e você os reconhecerá. "Teu Senhor está consciente de tuas ações" (27:95). E diga, Louvado seja Deus; mas, muitos permanecem inconscientes (31:24).<sup>45</sup>

Traduzido e disponibilizado por ImagoMundi em Junho de 2022, a partir de tradução de Henri Corbin, 1976. "*Sohravardi. L'Archange Empourpré. Quinze Traités et Récits Mystiques*". Fayard, pp. 273-287.

---

diálogo ismaelita entre 'Amalaq o Grego e seu mestre Qosta ben Lüqâ, cada hipóstase superior é aquela a quem aqueles que a seguem se referem como "seu Deus". No cume dos cumes (str. 43, o "Supremo Avô"), há aquele que, em seu "Livro de Horas", Suhrawardi invocará como "Deus dos Deuses". Em suma, todo o tema do arquétipo angélico, parceiro celeste, anjo tutelar, está implícito aqui, cf. *En Islam Iranien...* t. II, pág. 294-334

<sup>44</sup> "Acima do Acima." Estas palavras referem-se às premissas da teologia apofática (*via negationis*).

<sup>45</sup> A est. 44 consagra o triunfo do *hikayat* como uma forma necessária de qualquer narrativa de iniciação. Quanto à invocação formulada nas primeiras palavras do str. 45, já notamos que ela concorda literalmente com a dos "Irmãos da Pureza" (*Ikhwan al-Safa*, seção IV).